

## **Corpo metropolitano: Protagonista no Palco da Cidade-Espetáculo<sup>1</sup>**

Daniela Menezes NEIVA BARCELLOS<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

O corpo metropolitano, essencialmente comunicacional, transita livremente na cidade-espetáculo, cenário midiático de aparências, transformações, relações sociais e comunicação efervescentes. A cidade-espetáculo elencada para este estudo e para exemplificar as grandes metrópoles é o Rio de Janeiro, por ter sido palco de megaeventos na última década e por completar 450 anos. Além destes atributos, é uma urbe espetacularizada nos mais variados contextos. Quando se procura entender o papel do corpo neste universo, percebe-se que ele é múltiplo, investido de sentidos e significados e marca presença como protagonista da cena cotidiana. Os corpos metropolitanos evidenciam os conflitos de se viver e sobreviver nos grandes eixos urbanos, com incontáveis memórias inscritas, expressam o estilo de vida da metrópole, sendo produtor de sentidos, desejos, satisfação e tendências o tempo inteiro.

**Palavras-chave:** corpo; cidade-espetáculo; metrópole, comunicação.

### **Introdução**

O corpo metropolitano transita livremente pelas grandes urbes. Está sob os holofotes da metrópole e representa os mais diversos papéis neste espaço midiático. Não há corpo neutro; ele é investido de sentidos e significados e inscreve-se como o personagem principal na cena do cotidiano da cidade que se apresenta como um espetáculo. Para compreender este cenário da cidade-espetáculo, apresento inicialmente a definição de espetáculo do escritor Guy Debord, Segundo ele,

o conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. As suas diversidades e contrastes são as aparências organizadas socialmente, que devem, elas próprias, serem reconhecidas na sua verdade geral. Considerado segundo seus próprios termos, o espetáculo é a afirmação da aparência e a afirmação de toda vida humana, socialmente falando, como simples aparência. (DEBORD, 2003, p. 16)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutoranda em Alimentação, Nutrição e Saúde pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, email: [daniela@neiva.com.br](mailto:daniela@neiva.com.br)

Neste jogo de aparências, poder, consumo e do que se permite desinvisibilizar no espetáculo do cotidiano, a representação da cultura nos corpos que transitam na cidade é um fenômeno. O corpo é o reflexo da cidade-espetáculo que se constitui como um espaço formador de opinião, um grande centro distinto e importante na expressão de tendências.

O conceito de cidade-espetáculo surge não por acaso, mas para afirmar este espaço de transformações, de relações sociais e de comunicação efervescentes. O estudo “Rio de Janeiro: a comunicação e a construção da cidade-espetáculo”, de Ricardo Ferreira Freitas e Vânia Oliveira Fortuna (2013, p.236), ressalta que a denominação cidade-espetáculo está em permanente construção e envolve o atravessamento de indivíduos, espaço e mídia em contínua relação e transformação.

Apesar de separados praticamente por um século, a Exposição Nacional de 1908 e os Jogos Pan-Americanos de 2007 delimitam dois momentos bem distintos da história do Rio de Janeiro. O primeiro mostra o início do estabelecimento de uma adjetivação: cidade-espetáculo. O segundo, 99 anos depois, ocorre em uma metrópole conhecida mundialmente. Tal como Nova Iorque, Londres, ou Paris, o nome Rio de Janeiro traz consigo todo um imaginário permeado por inúmeras representações, que vão de “cidade maravilhosa” a “cidade partida”. Neste sentido, os meios de comunicação ocupam um papel central, potencializando e realimentando essas representações. O imaginário acerca da metrópole carioca é resultado de múltiplos atravessamentos que envolvem fundamentalmente indivíduos, espaço, e mídia. (FREITAS; FORTUNA, 2013, p. 236)

A cidade-espetáculo elencada para este estudo e para exemplificar as grandes metrópoles é o Rio de Janeiro, por ter sido palco de megaeventos na última década e por completar 450 anos, em 2015. Além destes atributos, é uma cidade espetacularizada nos mais variados contextos e produz encantamento, sensibilidades e afetos que retroalimentam as representações que colore o imaginário carioca. Podemos ter em mente a circulação de estímulos que favorecem continuamente qualquer representação ou comportamento acerca de bem-estar, saúde, saudável, beleza, alegria, jovialidade e sustentabilidade.

A multiplicidade de impressões na cidade-espetáculo estimula o indivíduo a uma vida que acompanha as últimas tendências, num ritmo frenético, em modo oscilante, competitivo e cercado de pressões psicológicas. Para Georg Simmel,

a base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na intensificação dos estímulos nervosos, que resulta da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores. O homem é uma criatura que procede a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre a impressão de um dado momento e a que a precedeu. Impressões duradouras, impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e

habitual e exibem contrastes regulares e habituais [...] Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria. Com cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica (SIMMEL, 1979, p. 12)

A partir da noção de lugar e espaço trabalhada por Michel de Certeau (p. 202, 1998), que descreve que “o espaço é um lugar praticado”, pode-se pensar, de fato, a cidade-espetáculo não como um lugar geometricamente definido urbanisticamente, mas como um espaço plural de interação e de movimentos. Nas reflexões de Certeau, lugar indica estabilidade dos elementos cotidianos (p.201, 1998). “Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade”.

Em relação à definição construída de espaço, o olhar do autor está na mobilidade, em um cenário de sociabilidades, ampliação da percepção, sentidos e sensibilidades que a metrópole suscita.

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um "próprio". (CERTEAU, 1998, p. 202)

Na esteira do debate entre espaço e lugar, o geógrafo Yi-Fu Tuan lança um olhar cuidadoso sobre a face de suas definições. Ele enfatiza que embora sejam tópicos trabalhados separadamente na literatura geográfica, são questões sobrepostas. Para Tuan (p.5, 2011), lugar traz a concretude da estrutura e se aproxima do espaço, considerado a abstração da experiência. “O espaço não é uma ideia, é um conjunto complexo de ideias. [...] O lugar é um espaço estruturado. A palavra ‘espaço’ é, então, quase que uma parte da experiência ocidental. Sendo um desafio traduzi-la para uma língua não europeia”. Em contrapartida, a palavra lugar, por trazer de forma adjacente uma ideia concreta, pode ser traduzida sem dificuldades nas línguas não europeias. “Lugar é qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas”.

Na visão do geógrafo, o sentido e o significado do lugar é conferido a partir dos contextos, sejam de ordem social ou cultural, e do tempo conferido às experiências que se inscrevem nos corpos metropolitanos.

O sentido de lugar é adquirido após um período de tempo. Quanto tempo? Podemos dizer, geralmente, que quanto mais tempo permanecermos em uma localidade melhor a conheceremos e mais profundamente significativa se tornará para nós, ainda que essa seja apenas uma verdade grosseira. Conhecer subconscientemente com os sentidos passivos do corpo — particularmente o olfato e o tato — exige longo tempo de permanência. Conhecer com a visão e a mente exige muito menos tempo. (TUAN, 2011, p.14)

O espaço, o lugar, adquire contornos determinantes no processo de distinção do corpo que utiliza toda sua potência para se inscrever nas metrópoles. Para Michel Maffesoli (2006, p. 11), “o tribalismo lembra, empiricamente, a importância do sentimento de pertencimento, a um lugar, a um grupo, como fundamento essencial de toda vida social.” É na proximidade e na convivência na cidade-espetáculo que o corpo metropolitano encontra seu abrigo e se mantém.

Neste cenário, podemos refletir que a cidade-espetáculo é um local atravessado por amplas e intensas impressões que reúnem elementos pertinentes às questões de espaço e lugar, separadas por uma linha tênue, que constroem e reconstroem o corpo das metrópoles.

### **O corpo essencialmente comunicacional**

As reflexões no campo da comunicação social sob a ótica de Denise Siqueira (2006, p. 39), ratificam que o corpo é um instrumento de comunicação construído culturalmente. É portador de signos e, dessa forma, não há corpo neutro, puro, orgânico, biológico somente, pois é modelado a partir de valores culturais e estéticos. Como cita o antropólogo Massimo Canevacci,

uma posição adquirida pela antropologia é a de que não há nada de natural no corpo. O corpo não é natural porque, em cada cultura e em cada indivíduo, o corpo é constantemente preenchido por sinais e símbolos. Não somente não há nada de natural no corpo, mas também a pele não é o seu limite: e quando a pele transpõe seus limites, ela se liga aos tecidos “orgânicos” da metrópole. (CANEVACCI, 2008, p. 18)

Tendo como pano de fundo o que pensa o filósofo francês e autor do livro “Fenomenologia da percepção”, Merleau-Ponty (1971, p. 195), o corpo é uma forma de

expressão e “o sentido dos gestos não é dado mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador”.

O corpo é um “sistema de ação”. Anthony Giddens (2002, p. 95) propõe que é através do corpo que “temos o privilégio de viver ou somos condenados a viver; fonte das sensações de bem-estar e de prazer, mas também das doenças e das tensões”. Na concepção do autor (2002, p. 84), a ideia de que o meio condiciona o modo de agir no mundo ganha força na megalópole e “é claro que para todos os indivíduos e grupos, as oportunidades de vida condicionam as escolhas de estilo de vida”. A busca por novos estilos de vida que primem pelo bem-estar é a alternativa dos cidadãos viventes no ritmo frenético e no espaço em que estão inseridos. Beatriz Sarlo (2005, p. 14) afirma que “os corpos não mentem” a realidade dos indivíduos e que o tempo e o enfrentamento às situações do cotidiano urbano interferem em suas vidas. Não há como forjar todas as aparências da realidade urbana; estarão refletidas no corpo que transita na metrópole, o corpo metropolitano.

Uma sociedade não se sustenta apenas por suas instituições, mas, principalmente, por sua capacidade de gerar expectativas de tempo. O corpo e o tempo estão ligados: uma vida é um corpo no tempo. A dívida é também uma dívida de tempo porque, quando o corpo não recebe aquilo de que necessita, o tempo se torna abstrato, inapreensível pela experiência: um corpo que sofre sai do tempo da história, perde a possibilidade de projetar-se adiante, apaga os sinais de suas recordações. (SARLO, 2005, p. 15)

O corpo é um comunicador do cotidiano na metrópole. Para Giddens (2002, p. 57) as expressões faciais e gestos impressos nele declaram o contexto em que está inserido como mais que uma “entidade” que fala sem palavras.

Neste ambiente de disparates sociais, culturais e econômicos, os corpos metropolitanos sofrem e o fenômeno da busca pela polissêmica qualidade de vida que está incorporada por decorrência do medo, da distância cultural e da falta de recursos invade o espaço urbano cada vez mais.

Parece que na cidade-espetáculo há menos compromisso com o bem-estar de todos os cidadãos e maior valorização à ideia de internacionalização associada à cidade. Neste sentido, busca-se dirigir o espetáculo invisibilizando as mazelas para comunicar o que é de interesse na cena. Como, por exemplo, no Rio de Janeiro, é a questão do descaso com a transformação urbana em benefício do próprio carioca a partir da realização dos megaeventos na cidade, conforme refletem Freitas e Fortuna.

No Rio de Janeiro, no entanto, parece haver uma preocupação maior com a imagem internacional da cidade do que com um cotidiano de qualidade para o cidadão, haja vista a predominância no planejamento de melhorias nos transportes públicos e nas arenas dos jogos visando os turistas. O morador da cidade não é muito levado em conta como já havíamos observado no início do século XX com as exposições de grande porte sediadas pela cidade. (FREITAS; FORTUNA, 2013, p. 231).

Torna-se evidente, como diz Sarlo (2005, p. 14), o quanto os indivíduos revelados por seus “corpos estão sendo maltratados, ofendidos, desprezados, humilhados”.

Os corpos não deixam mentir; formam a onda humana que desembarca nas estações, nas ruas e no metrô [...] O estado dos corpos escandaliza, causa espanto e distanciamento: crianças adormecidas pela fome, bebês catatônicos, velhos enlouquecidos pelas privações enclausurados na obsessão de sua miséria, corpos curvados de homens rejeitados por um mercado que não precisa mais deles. (SARLO, 2005, p. 14)

Segundo nos revelam Francisco Romão, Cristiane Seixas e Eliane Vargas, a subjetividade presente nas obras de arte de Lygia Clark que problematizam as memórias do corpo envolve reflexões sobre traumas, angústias e frustrações inscritas nos corpos dos sujeitos<sup>3</sup>. Decerto, é preciso, portanto, ratificar que o corpo de cada ator social é um canal de comunicação do indivíduo com o mundo e que absorve impressões de todos os tipos; suas influências se espalham pela metrópole e é assim que as representações vão sendo construídas e refeitas. Por isso, é tão importante pensar como os afetos são processados em sua origem e trabalhar a “memória do corpo”, como nomeia Lygia Clark que usa a arte como terapia.

A origem desta “memória do corpo” com a qual Lygia passa a trabalhar estaria na primeira infância, quando afetos são processados de forma ainda confusa, são aspectos que se apresentam na “nostalgia do corpo” buscando se recompor, se reconstruir numa outra dinâmica. Para Lygia, cabe ao artista criar o instrumento que vai fazer aflorar essa memória e permitir ao espectador “tocar” nesse espaço onde só ele pode transitar (FERREIRA; WOLZ; SEIXAS, 2015, p. 277)

Buscar as possibilidades de olhar para o corpo além do aspecto biológico é o requisito primordial para permitir ao indivíduo uma sensível metamorfose de sua vitrine de representações. O corpo metropolitano é compelido a abrigar inúmeros papéis e para

---

<sup>3</sup> Comentário desenvolvido em sala de aula sobre a apresentação do artigo “As Memórias do Corpo: Como as obras de Lygia Clark podem nos ajudar a pensar a alimentação?”. PPG/ANS – Tópicos especiais em alimentação, nutrição e saúde: Ciência, gênero e sociedade: aportes para a pesquisa social, 2015.

manter-se como protagonista da cena urbana e instrumento essencial de comunicação ele clama por cuidados e por mudanças.

### **Cuidados com o corpo metropolitano**

Os cuidados com o corpo face ao clima de urgência, poluição e estresse na metrópole são frequentes e inegáveis, especialmente no Rio de Janeiro, exemplo de cidade-espetáculo que é palco de incontáveis experiências de luzes e de sombras.

Neste ambiente de intensas contradições, vale destacar o papel da subjetividade nas relações para garantir um cuidado mais eficaz e coerente com o corpo que vive na metrópole, por meio de um estilo de vida saudável repleto de conflitos. O Rio de Janeiro é um espaço onde códigos, símbolos, influências e tendências circulam livremente e modelam o corpo metropolitano, a partir do apelo estético do saudável em busca de um corpo magro e com musculatura definida que sempre está aparente. Paradoxal, este padrão muitas vezes é obtido a qualquer custo, inclusive negligenciando a própria saúde do corpo.

Não nos enquadramos em perfis previamente selecionados, não é possível generalizações de ambientes e não se pode generalizar corpos, não há um modelo pronto e formatado de qualidade de vida e do que é saudável a ser seguido. Cada indivíduo faz sua escolha singular de acordo com suas crenças, valores e história de vida. Neste lugar polifônico caracterizado pelo entrecruzamento de vários sons, ritmos e comunicações, seguimos dançando conforme a música e para estarmos afinados com nossas convicções é preciso silenciar e escutar a voz que ecoa no corpo; ela nos dirá o que é ter saúde para mantermos o corpo saudável.

A tentativa de compreender os sentidos que o corpo manifesta envolve captar o que a sua performance revela nesse cenário e estar aberto a esta leitura é também ouvir o que ele tem a dizer. Giddens (2002, p. 98) explica que “o cuidado do corpo significa ‘ouvir o corpo’ constantemente, tanto para aproveitar plenamente os benefícios da boa saúde, quanto para captar os sinais de que alguma coisa pode estar errada”. Essa escuta não pode ser, evidentemente, a única forma de se cuidar do corpo. Imprimir cuidados ao corpo que vive e sobrevive na metrópole torna-o capaz de resistir às experiências de prazer e do caos. A “força do corpo” emana dele próprio por meio dos cuidados que dedicamos a ele e é uma fonte de atração de juventude, bem-estar e saúde.

O cuidado do corpo produz “a força do corpo”, a capacidade crescente de evitar doenças graves e a capacidade de enfrentar pequenos sintomas sem recorrer a

remédios. A força do corpo pode ajudar a pessoa a manter ou até mesmo melhorar a aparência pessoal; entender como o corpo funciona e monitorar de perto seu funcionamento com atenção mantém a pele da pessoa fresca e o corpo esguio. (GIDDENS, 2002, p. 98)

O corpo metropolitano é um organismo físico e a manutenção saudável de sua estrutura requer uma rotina de contínuos cuidados. No contexto da vida social cotidiana há uma combinação de práticas de dimensões ocultas que permeiam a cidade-espetáculo e que pode afetar a saúde do corpo.

Para ilustrar esta questão, um exemplo é a adoção de práticas, como a de alimentação, para se adequar às tendências que tomam as urbes e exibir a aparência de um corpo modelado de acordo com o padrão estético vigente. Entretanto, dificuldades múltiplas estabelecem-se neste espaço devido às influências sociais e culturais.

Modos de prover comida e outras necessidades orgânicas básicas podem ser mais bem vistas como regimes – a criança aprende desde cedo que a comida não vem quando reclama, mas periodicamente. Os regimes são sempre, em parte, uma questão de influência e gosto individuais: até o recém-nascido condiciona as respostas dos adultos, às vezes de maneira substancial. Mas os regimes são também social e culturalmente organizados. Até que ponto os regimes alimentares, para o adulto, são padronizados e regulados de perto, ou abertos às inclinações individuais, depende da natureza da cultura. (GIDDENS, 2002, p. 62)

Giddens (2002, p.63) considera que os regimes são formas de estabelecer disciplina e organização dos hábitos cotidianos, são “práticas aprendidas que envolvem o controle estrito sobre as necessidades orgânicas” e estão correlacionados com a aparência do corpo. O hábito de comer pode ser entendido como um ritual que também afeta o corpo revelando traços sociais e culturais do indivíduo. Para o autor (2002, p. 63), “a autoprivação de recursos físicos é uma característica frequente de distúrbios psicológicos em todas as formas da sociedade – como seu contrário, a autoindulgência”. Na busca para seguir um modelo de corpo saudável ditado por uma tendência contemporânea, a natureza dos regimes alimentares requer atenção porque podem envolver uma disciplina corporal patológica.

Na perspectiva crítica do olhar de Giddens (2002, p. 76) sobre a atenção reflexiva para os cuidados que tomamos e, principalmente, como deveríamos agir para atingir o bem-estar que minimiza os conflitos do estresse, hostilidade e agitação dos grandes eixos urbanos, a atitude de reconhecer a “consciência do corpo é básica para ‘captar a plenitude do momento’”. Sendo o momento ávido por mudanças para uma vida saudável, o autor retoma (2002, p. 76) que o processo de escuta do corpo gera a possibilidade de



experimentá-lo em sua integralidade, seria “ uma maneira de tornar coerente o eu como um todo integrado, uma maneira de o indivíduo dizer ‘é aqui que eu vivo’”.

Para Kraemer et al. (2014, p. 1.341), esta é uma discussão importante, afinal nem o sujeito, nem as suas práticas de alimentação, são vistas em sua integralidade e não consideram o papel central da subjetividade no processo de transformações da vida cotidiana contemporânea. “O ser humano não é visto em sua integralidade individual viva e em sua inserção na sociedade. O caráter pluridimensional da comida fica perdido na fragmentação disciplinar característica do paradigma científico contemporâneo”.

Neste processo de reflexão sobre a mudança das práticas do comer dos indivíduos,

não considerar a subjetividade, a interioridade, as histórias de vida, os laços afetivos, as relações familiares, as dimensões culturais locais, regionais e globais e o cenário político e econômico que envolvem a alimentação é caminhar na contramão dos novos contornos do que se considera saúde (BUSS, 2000) a partir das diretrizes que emanaram das grandes conferências internacionais produzidas pela Organização Mundial da Saúde (Ottawa em 1986, Adelaide em 1988, Sundswal em 1991 e Jacarta em 1997). (KRAEMER et al., 2014, p. 1.341).

Como define Freitas (2005, p. 130), “o cotidiano das cidades é estressado”. Viver na metrópole é estar imerso numa cultura imediatista e parece não haver tempo para incluir os ingredientes simbólicos fundamentais neste processo contínuo de transformações dos corpos. Não considerar a subjetividade, os afetos e as divisões culturais que se entrecruzam é perder o tempo na cena do cotidiano carioca. Os riscos de viver na metrópole tornam-se mais evidentes.

### **O corpo como protagonista da cena cotidiana urbana**

Os corpos da metrópole se movimentam na cidade-espetáculo expressando suas realidades e suas marcas. Paradoxalmente, o homem urbano convive com a mais alta tecnologia de pesquisas em um ambiente planetário, mas que o fragiliza e o isola. A sociedade contemporânea urbana é um lugar global complexo onde encontramos o debate de informações em seus níveis mais complexos e a ampliação dos saberes. São os conflitos que mobilizam e imobilizam os corpos nas urbes.

A combinação desses elementos, e de tantos outros que se democratizam nesse ambiente, faz da grande cidade o local em que tudo acontece e que teoricamente fortalece e dota o indivíduo de recursos. Entretanto, como cita Simmel (1979), por ser um lugar de extraordinárias desigualdades sociais, hostil, submerso num ritmo avassalador, competitivo, estressado e que inspira desconfiança e a atitude *blasé*, os corpos metropolitanos procuram

se proteger e resguardar seus sentimentos angariando, porém, uma série de transtornos doentios. É nesse contexto que as redes sociais têm uma relação direta com a socialização à distância. O corpo da metrópole marca presença em diversos espaços e pode relacionar-se socialmente sem sair materialmente do lugar; vivencia as experiências sensoriais que somente o mundo virtual pode suscitar.

Sobre a ideia de manipular o corpo protagonista da cena cotidiana para acompanhar as ondas disseminadas na cidade-espetáculo e estampar as características da personagem principal para o momento, Giddens (2002) afirma que a reflexão do eu é extensiva ao corpo, onde ele não é um elemento passivo, mas sim de ação. O corpo metropolitano responde ao meio e evidencia no fluir dos dias uma série de comportamentos. Adotar um estilo de vida inclui a tomada de decisões que fazem parte de um jogo de contingências e retratam suas escolhas, definindo as intenções do indivíduo.

Corroborando a visão de Giddens (2002, p. 77) a respeito da busca de um estilo de vida saudável na cidade, “o indivíduo deve enfrentar novos riscos decorrentes da ruptura com os padrões estabelecidos de comportamento” e aprender novos hábitos, adquirir um novo costume e agir pelo benefício maior de manter-se ativo e de ocupar o papel de protagonista na cidade-espetáculo.

### **Considerações finais**

Negligenciar o papel da espacialidade na constituição e manutenção dos corpos metropolitanos é desconsiderar o papel que as relações desempenham dentro desta esfera em que a vida acontece em ritmo intenso e repleto de impressões: a cidade-espetáculo.

O movimento agitado destes grandes eixos urbanos espetacularizados em seus mais variados contextos e palco de megaeventos, como do Rio de Janeiro, especialmente elencado para este estudo, engendra representações que dialogam as diferenças de um cenário multicultural, paradoxal e globalizado. Na busca por atender os inúmeros e conflituosos interesses que emanam na dinâmica urbana, se descortina a comunicação entre ideias e corpos.

Abre-se então um paralelo à luz de conceitos, ampliação da percepção e a disseminação de questionamentos sobre as fontes de um corpo saudável que se nutre não somente de nutrientes para manter-se pulsante, mas também de símbolos. Como parte integrante do universo contemporâneo urbano, o corpo que evidencia os conflitos de se viver e sobreviver na metrópole, com incontáveis memórias inscritas, é o mesmo que

expressa o estilo de vida da cidade, sendo produtor de sentidos, desejos, satisfação e tendências o tempo inteiro.

Este corpo metropolitano se manifesta nas mídias, nas conversas, nas redes, no andar pelas ruas, no silêncio ou entre os mais variados sons e formas das grandes urbes, é o protagonista na cena do cotidiano, sendo apropriado de modo democrático e singular na cidade-espetáculo do Rio de Janeiro.

### **Referências bibliográficas**

CANEVACCI, Massimo. **Fetichismos visuais** – corpos erópticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê editorial, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano** – artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. Disponível em: < <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

FERREIRA, Francisco Romão; WOLLZ, Larissa Escarce Bento; SEIXAS, Cristiane Marques. As Memórias do Corpo: como as obras de Lygia Clark podem nos ajudar a pensar a alimentação. In: FREITAS, Ricardo Ferreira; FERREIRA, Francisco Romão; CARVALHO, Maria Claudia da Veiga Soares; PRADO, Shirley Donizete. **Consumo, Comunicação e Arte**. Curitiba: CRV, 2015.

FREITAS, Ricardo Ferreira. Comunicação, consumo e moda: entre os roteiros das aparências. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 125-136, 2005.

\_\_\_\_\_; FORTUNA, Vânia Oliveira. Rio de Janeiro: a comunicação e a construção da cidade-espetáculo. **Revista Latinoamericana de ciencias de la comunicación**, São Paulo, v. 10, n. 18, p. 228-237, 2013.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KRAEMER, Fabiana Bom et al. O discurso sobre a alimentação saudável como estratégia de biopoder. **Physis Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: p. 1.337-1.359, 2014.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

SARLO, Beatriz. **Tempo presente**: notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. O fenômeno urbano. Tradução Sérgio Marques dos Reis. Organizador Otávio Guilherme Velho. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Corpo, comunicação e cultura**: a dança contemporânea em cena. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2006.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade: uma revista do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural**. Rio de Janeiro: v.1, n. 1, p 4-15, 2011.